

HISTÓRIA E CULTURAS

LOBISOMENS E LICANTROPIA: CRUZANDO E INTERCONECTANDO PRÁTICAS

Francisco Wellington Gomes Filho¹

Manoel Carlos Fonseca de Alencar²

RESUMO

Este estudo tem como intuito analisar histórias de lobisomens e casos de licantropia ocorridos em Limoeiro do Norte, Ceará (séc. XX) e em comunidades da França (séc. XVI e XVII). Através de uma convergência entre a história cruzada e a micro-história pudemos traçar e interseccionar uma série de variações: semelhanças e diferenças entre as práticas de transformação, as ações e interações realizadas pelas pessoas que se transformam em lobisomens. Pudemos notar que a agressividade e brutalidade encontrados nos casos franceses é uma peculiaridade não presente nas histórias dos lobisomens cearenses. Esses estão mais envolta de produzir um medo quando em confronto com pessoas que cruzam seu caminho. Desbravar esse imaginário da fera lupina entre duas temporalidades e espacialidades tão distintas nos propôs a compreender como cada história traz uma representação diversificada sobre a licantropia.

Palavras-chave: Lobisomem; práticas; transformação; história cruzada; micro-história

ABSTRACT

This study aims to analyze werewolf stories and lycanthropy cases that occurred in Limoeiro do Norte, Ceará (20th century) and in communities in France (16th and 17th century). Through a convergence between cross-history and micro-history we were able to trace and intersect a series of variations: similarities and differences between transformation practices, actions and interactions performed by people who transform into werewolves. We could notice that the aggressiveness and brutality found in the French cases is a peculiarity not present in the stories of werewolves from Ceará. These are more likely to produce a fear when confronted with people who cross their path. Uncovering this imagery of the lupine beast between two such different temporalities and spatialities proposed us to understand how each story brings a diversified representation of lycanthropy.

Keywords: Werewolf; practices; transformation; cross history; micro-history

1. INTRODUÇÃO

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre pelo Mestrado Interdisciplinar de História e Letras (MIHL), da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). E-mail para contato: wellingtongf20@gmail.com.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC). E-mail para contato: manoel.alencar@uece.br.

HISTÓRIA E CULTURAS

A licantria ou o ato de transformar-se em lobisomem é muito comum no imaginário de diversas sociedades. Diz-se que o primeiro caso foi com o rei Lycaon, na região da Arcádia, na Grécia antiga. A lenda possui muitas variações: uma delas envolve sacrifícios humanos por parte de Lycaon, em outras fala-se que o dito rei deu carne humana para Zeus comer e quando o senhor do Olimpo descobriu o amaldiçoou transformando-o em lobo, já outra variante fala que houve uma tentativa de matar Zeus, esse ao descobrir transforma Lycaon em forma lupina para sempre. Em outras histórias diz-se que a transformação duraria por 10 anos³.

Percebemos que uma pequena história que se diz a origem dos lobisomens ou da licantria envolve uma série de diferenciações. A antiguidade inaugurou o lobo como um símbolo de maldição dando a licantria, como pudemos ver, uma característica de malefício. Esse tipo de visão sobre uma pessoa que carrega a praga de tornar-se lobo irá perdurar até a idade média. Será apenas no séc. XV que o olhar sobre a licantria ganhará outras representações, a mais marcante é a “do lobisomem devorador de rebanhos e crianças”⁴. Essa visão irá perpassar muitas outras histórias conforme outros casos semelhantes forem aparecendo.

Se a antiguidade grega traz essa interpretação da maldição lupina, já no séc. XVII europeu o lobisomem não é tão visto como sendo uma pessoa amaldiçoada, é muito mais uma injúria contra o indivíduo, é mais um insulto do que a prevalência de poderes divinos e mágicos que o fazem ser um lobisomem. Assim, “no Luxemburgo, a injúria ‘lobisomem’ era levada muito a sério e dava lugar a reparação pública”⁵. Conforme Jean Delumeau afirma, os demonólogos franceses se debruçaram fortemente, durante o séc. XVI e XVII, sobre os casos de canibalismo e licantria. Veremos posteriormente como os relatos sobre os lobisomens estavam tão presentes no cotidiano camponês da França.

Diante disso, o estudo que pretendo fazer vem denotar que a presença do lobisomem na história se estende por uma grande quantidade de espaços e temporalidades. Apesar de que toda época histórica carrega, como bem demonstrou Sabine Baring-Gould (2003) em seu tratado, características de transformação do ser humano em lobisomem, pudemos notar que os casos de licantria reunidos pelo reverendo se encerraram temporalmente no séc. XIX europeu.

Já a minha proposta é me debruçar no século seguinte. Com as entrevistas que realizei pude encontrar mais histórias a respeito do imaginário do lobisomem. Os relatos nos levam para o séc.

³ BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem**: um tratado sobre casos de licantria. Tradução de Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003. p. 17-20. CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2012. p. 153-156.

⁴ GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 108.

⁵ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia de bolso, 2009. p. 104.

HISTÓRIA E CULTURAS

XX, assim estendemos o campo temporal e conseqüentemente o de variação para esse tipo de assombração, que perpassa a vida dos vivos.

Na realização dessa empreitada fiz uso da metodologia da história oral⁶ para coletar relatos de histórias de lobisomem no Ceará. Os entrevistados são pessoas residentes da cidade de Limoeiro do Norte – CE, com faixa etária superior a 60 anos. Essa escolha advém de buscar memórias que nos levam a um Limoeiro do Norte muito diferente do que encontramos hoje e de que caso não realizasse essa coleta as histórias seriam facilmente perdidas.

Sobre os casos de lobisomem na Europa, em específico os da França, faço uso do livro: *Lobisomem – um tratado sobre casos de licantropia (2003)*, de Sabine Baring-Gould um reverendo inglês que compilou uma série de textos sobre relatos de licantropia por toda a Europa.

Aqui no Brasil, como assevera Câmara Cascudo⁷, o lobisomem veio com os portugueses. A fera lupina é eminentemente europeia. Mas como todo bom imaginário: sua representação e simbolização não escapam das transformações no decorrer do tempo e das culturas. O sincretismo e a variabilidade fazem com que se diferencie bastante o lobisomem europeu com relação ao brasileiro e em mais específico o cearense. Nesse sentido, o imaginário significa uma representação de algo não explícito e carrega consigo os sentidos dos símbolos que o preenchem⁸.

É com esse pensamento de perceber as singularidades e as continuidades das características que circundam a prática de transforma-se em lobisomem que concebo esse estudo. A intensão é desbravar e mapear as práticas de transformação, as ações e interações dos lobisomens. O enfoque se dará nos casos de licantropia francês que Baring-Gould compilou e os casos cearenses que encontrei nas minhas entrevistas.

Para realizar esse percurso decidi por um estudo comparativo e micro-histórico. A abordagem comparativa nos levará a fazer conexões entre essas duas culturas que imaginam o lobisomem a sua maneira. Comparar, cruzar e conectar é o que faremos. Estabelecer uma relação entre as variações das práticas e das interações entre os casos encontrados nas histórias relatadas pelos muitos sujeitos. A história cruzada, como uma variedade da história comparada, “fornece a ocasião de sondar, por um viés particular, questões gerais como escalas, categorias de análise,

⁶ FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Usp: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 95-114. LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2006. p. 15-25.

⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2012. p. 159-160.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma Outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, n. 15, p. 9-27, 1995. p. 19-22.

HISTÓRIA E CULTURAS

relação entre sincronia e diacronia”⁹. Proceder por esse tipo de metodologia nós fará ampliar as perspectivas para se olhar o objeto de estudo que são as histórias de lobisomens.

Dessas selecionaremos e relacionaremos práticas, ações e interações entre os sujeitos. Compararemos os diversos casos entre si complexificando os significados do que é essa licantropia e como ela varia em temporalidades e espacialidades tão distintas e distantes, compreendendo como se forma o contexto analítico entre os casos. Fazer história cruzada é encontrar os elos de intersecção entre os variados casos analisados. É também conferir uma relação entre as histórias por óticas diferentes dentro de um quadro temporal e espacial distantes, de duas realidades que não se encontraram. No mais, essa é uma forma de realizar esse estudo e desbravar um terreno pouco explorado¹⁰.

Se essa metodologia nos leva a um olhar particular e mais acurado sobre o objeto de estudo e os sujeitos então podemos muito bem alia-la com a micro-história. Fazer história em micro é reduzir a escala de observação, focando o olhar para traços mais detalhados: é enxergar onde o micro se encaixa no contexto, é buscar fazer submergir algo que poderia passar despercebido. Com isso a pesquisa micro-histórica

mesmo quando utiliza um lugar ou uma situação individual ou um acontecimento singular, o faz enquanto algo que, reduzindo a escala de observação e convergindo a atenção através de um microscópio, identifica relevâncias invisíveis para um observador distante e para uma leitura de ampla dimensão.¹¹

A leitura que pretendo fazer cabe muito bem nessa perspectiva denotada por Giovanni Levi. Estabelecer uma conexão entre casos de licantropia em comunidades francesas e no interior do Ceará nos permitirá usar a redução da escala para trazer à tona sujeitos que não teriam espaço na história, senão pela ótica do detalhe: da escala reduzida. Caso não fosse assim, nossos sujeitos poderiam passar despercebidos.

Se fazer uma história cruzada nos leva a propor uma intersecção e um entrelaçamento entre as práticas e interações nos casos de licantropia, relacionar dialogicamente micro-história e história cruzada, também nos leva a entrelaçar essas duas abordagens para uma compreensão histórica.

Essa proposta casa muito bem com as reflexões do historiador John Lewis Gaddis quando fala de variáveis interdependentes. Para ele o estudo histórico é um imbricado complexo de relações que se interpenetram, que dialogam através da perspectiva de estudo do historiador.

⁹ WERNER, Michael e ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre a empiria e a re-flexividade. In: **Textos de História**, vol. 11, nº 1/2, p. 89-127. 2003. p. 90.

¹⁰ BARROS, José D’Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 144.

¹¹ LEVI, Giovanni. Micro-história e história global. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (org.). **Micro-história: um método em transformação**. São Paulo, Sp: Letra e Voz, p. 19-34. 2020. p. 21.

HISTÓRIA E CULTURAS

Interconectar variações, buscando outros olhares é um ofício do estudo histórico. Daí vem o desafio de dialogar com duas abordagens muito distintas em alguns aspectos, mas que podem nos fazer compreender de forma mais acurada casos de licantropia tão diversos.¹²

2. LOBISOMENS E SUAS PRÁTICAS

Um dos elementos que mais aparecem para configurar o lobisomem é sua transformação. O ato de transformar-se pode ocorrer de forma explícita, ou seja, quando é possível observar o ato de mudança de homem para lobisomem por um observador direto que assiste a cena; ou também pode ser de forma implícita, quando se ouviu relatos de outros sujeitos sobre as feições, os gestos e ações que realmente fazem crer que uma pessoa é lobisomem; ou que disseram que viram uma pessoa se transformar em lobisomem. É nesse entrelaçamento entre as duas acepções (explícita e implícita) que adentraremos nos nossos casos que envolvem a licantropia.

Era quase um final de tarde quando procurei Acelino Baltazar de Lima¹³, um senhor de 77 anos e pequeno agricultor. Ele me contou que “um caba saiu assim, quando dé fé era virando tudo, virando tudo, virando garrancho, tava dentro dos garrancho, uma ruma terrive, tava dentro, saiu lá do outro lado, todo mundo olhando, saiu desse jeito, diz que ele virava, num sei se era só o começo né?”¹⁴. Virar lobisomem, transformar-se, era a isso que se referia Acelino.

O seu relato é baseado no que ele ouviu falar através de outras pessoas que assistiram a cena. Para ele a pessoa estava virando lobisomem, pois agitava-se em meio aos garranchos. Nessa conotação, lobisomem é uma pessoa descontrolada. O ato de transformação desvirtua a ação humana dita comum. Podemos pensar: quem em bom estado mental vai se meter no meio de garranchos de madeira? Aqui o diferente, as ações estranhas, sobrepõem o comportamento comum.

O local de transformação parece ser palco para uma espécie de ritual. Meter-se de forma frenética entre garranchos de madeira e revirá-los, segundo Acelino, é uma forma de virar lobisomem, é um começo. E ele diz mais “Lobisomem, lobisomem é uma coisa mal viu. Lobisomem num é um bicho não, lobisomem é uma pessoa, pessoa mal”. Dizer que o lobisomem não é um bicho, uma fera, nos faz pensar no mesmo como sendo uma pessoa fora de controle e de sua sanidade, que perdeu os sentidos e se movimenta freneticamente e impulsivamente.

¹² GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história**: como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p. 82-93.

¹³ Acelino Baltazar de Lima, 77 anos, Entrevista do dia 15 de janeiro de 2019.

¹⁴ Todos os trechos entre aspas que fazem alusão a fonte oral são as falas na íntegra de cada depoente. Todas as falas serão apresentadas nessa estrutura.

HISTÓRIA E CULTURAS

Essa visão do lobisomem ainda carregando a forma humana e sem características da fera lupina também é documentado na França. Por volta do ano de 1573, na comuna de Dolê, Giles Garnier, conhecido por ser um ermitão, vivia em uma cabana simples. Ele era conhecido por ser “um indivíduo sombrio, com ar doentio, que andava curvado, e cuja face pálida de tez lívida, com um par de olhos profundos sob duas sobranceiras peludas e tortas que uniam-se no meio da testa”¹⁵. Essa aparência já era um aspecto que fazia de Garnier uma pessoa temível pelas pessoas da região.

E um dia, próximo a uma floresta da vila de Perrouze, Garnier capturou uma criança de 13 ou 14 anos com a intenção de matá-la e comê-la. Porém, ele foi seguido por três homens que ao chegarem em seu encalço já encontraram o menino morto. Garnier foi capturado e nos depoimentos dos homens ele não tinha aparência de lobo, mas sim de um homem comum.

Vemos quando contrapomos os dois casos narrados que há uma semelhança: ambos são declarados por aqueles que os viram como estando em forma humana. As características lupinas não se apresentam aqui. Porém notamos que a um contraste: o lobisomem mencionado por Acelino tem ações consideradas estranhas que o associam a ser lobisomem, já em Garnier, além das ações de capturar as crianças, são suas feições e também o fato de querer comê-las que fazem dele um lobisomem.

Desse modo são as ações peculiares que caracterizam uma aparência de lobisomem. É como se a fera aqui nada tivesse haver com a aparência de lobo usualmente conhecida: cara em forma de lobo e pelos pôr todo corpo. Uma pessoa é tachada de lobisomem por seu comportamento e aspecto.

Algo semelhante a isso é encontrado também no Recife, por volta da primeira metade do séc. XX quando algumas mulheres foram atacadas na praia por um lobisomem. O dito cujo era “estranhamente branco, repugnantemente alvacentos, fedendo a defunto”¹⁶. Os aspectos corporais para designar um lobisomem são bem explícitos. No mais é um ser que tem aparência ou comportamentos estranhos. A besta-fera lupina com pelagem de lobo nesses três casos não se faz presente. Mas não será só desse tipo de representação que se fará o lobisomem.

Os usos de unguentos nos casos franceses para transformação em lobisomem são bastante comuns e nesses casos a aparência com o lobo ocorre. Um caso bem interessante ocorreu em 1521 quando Pierre Bourgot depois de despir-se foi ungido por Michel Verdung, numa floresta próxima a comunidade de Chastel Charnon. Depois de ungido, disse Pierre, “fiquei horrorizado com minhas

¹⁵ BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem**: um tratado sobre casos de licanotropia. Tradução de Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003. p. 56.

¹⁶ FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 119.

HISTÓRIA E CULTURAS

quatro patas de lobo e com a pelagem que cobriu meu corpo”¹⁷. Aqui vemos que a prática de transformação se concebe com o uso de uma poção. Porém para virar lobisomem Pierre teria que despir-se e depois ser ungido.

Era o inverso do que ocorria com Michel que poderia transforma-se com a roupa do corpo. Nesse estado de fera eles mataram uma mulher e um homem. Em outro momento atacaram uma menina de 4 anos, devoraram-na quase por completo deixaram apenas os braços. Já outro dia Pierre tentou matar e comer um garotinho, porém o menino gritou muito alto. Os barulhos apavoraram tanto ele que o fez vestir sua roupa e voltar a forma humana, depois fugiu para não ser preso.¹⁸

Uma outra característica bem específica é que o próprio Pierre disse que essas transformações não poderiam ocorrer “sem o auxílio de nosso senhor poderoso, que estava presente durante a cerimônia”¹⁹. O senhor a que se refere é um homem que o fez jurar lealdade a Satã e renunciar a Deus e ao Cristianismo.

Vemos aqui a quantidade de elementos que devem existir de forma conexa para que se possa realizar a transformação. Para Pierre Bourgot é despir-se, ser ungido e fazer tudo isso na frente do mestre que lhe fez jurar lealdade ao demônio. Ao que parece caso não fosse assim a transformação não ocorreria.

Quando associamos a licantropia francesa com a tradição portuguesa que envolve a transformação em lobisomem vemos uma forte variação. O antropólogo social Mark Harris (2008) diz que o folclore português sobre o lobisomem traz aspectos que não o ligam diretamente com a aparência de um lobo. O licantropista português pode se transformar em qualquer animal, isso vai depender do local que ele usou para transformar-se. Harris diz que

o homem atormentado tira as suas roupas, pendura-as num pinheiro e rodopia nu na sujeira. Este ato de rodar afeta a transformação, o homem irá tornar-se no último animal que rebolou naquele lugar. Irá, então, correr muito rapidamente não procurando, necessariamente, animais ou humanos para comer, e regressará ao estado humano quando voltar a vestir as suas roupas.²⁰

A vestimenta, assim como no caso de Pierre, é um fator para voltar a forma humana. Esse elo é o que liga os casos de Pierre e a licantropia portuguesa a uma tradição europeia, onde vemos traços comuns. Mas como vimos, Garnier e Michel Verdung, não despem suas roupas para virar

¹⁷ BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem**: um tratado sobre casos de licantropia. Tradução de Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003. p. 54.

¹⁸ Op. Cit. p. 55.

¹⁹ Op. Cit. p. 57.

²⁰ HARRIS, Mark. **O lobisomem entre índios e brancos**: o trabalho da imaginação no Grão-Pará no final do século XVIII. Revista Ieb, São Paulo, v. 1, n. 47, p. 29-55, set. 2008. p. 48.

HISTÓRIA E CULTURAS

lobisomem, isso mostra a variabilidade existente para a execução da licantropia. Porém não é só esse o elo sobre as transformações que interessa.

Um detalhe também deve ser levado em conta quando se pensa na tradição portuguesa do lobisomem: o ato de transforma-se no animal da última cama que o licantropista rodopiou. Isso faz com que o bestiário do lobisomem se expanda ainda mais.

A aparência suína para designar um lobisomem pode ser estranha quando comparamos com os casos franceses, pois em nenhum deles o lobisomem, quando visto como forma animalesca, tem uma aparência que não a de um lobo. Mas há um caso envolvendo um lobisomem com aparência de porco que ocorreu em Limoeiro do Norte.

José Hélio Gomes²¹ contou que seu irmão, Jesus Gomes, conhecido como Jesim, morava no Setor NH3 e a noite já para entrar em casa se deparou com algo estranho que rondava o quintal. “Ele chegou aí viu de baxo do pé de acácia, quando ele chegou de noite, aí ele viu, aí o bicho vindo a procura dele, né? Aí foi, ele entrou de costa, chamou a muié pra abrir a porta, a muié abriu, e ele entrou de costa de frente pra ele”. José Hélio disse que o bicho era muito feio era como um rolo, redondo, “tipo um rolo de corda que você enrola”, não tinha pelagem pelo corpo, era liso; tinha uma boca grande, o que dá um aspecto de fera e é “assim um porco, conhece um porco grande? Naquela hora ali ele se transforma, ele fica um bicho, um lobisomem”.

O relato de José Hélio não nos diz se antes da fera aparecer para seu irmão ela havia rodopiado na cama de um porco, como sugere a análise de Harris sobre a tradição da licantropia portuguesa. O que vemos é que a presença do lobisomem para Jesim é temível, não é à toa que ele não vira as costas para a fera. Fica perceptível aqui o medo de ser atacado. Se Harris afirma que o lobisomem português não sai por aí atacando pessoas ou animais, o contrário é visto aqui. Outro aspecto que chama a atenção é que apesar de não haver nenhum ataque por parte do lobisomem suíno, o confronto entre homem e bicho parece eminente e a forma como se daria é mencionada: o lobisomem anda rolando devido a sua forma redonda.

A prática portuguesa de tornar-se lobisomem, como vimos, tem alguns traços com os encontrados no Ceará. É como se o lobisomem português fosse um intermédio entre as formas de virar lobisomem que envolve os casos franceses e cearense. Assim, como na licantropia portuguesa apresentada por Harris, a cama dos animais como meio para se transformar em uma fera, que sai pelas veredas a noite, é uma característica de um caso ocorrido na primeira metade do séc. XX também em Limoeiro do Norte.

²¹ José Hélio Gomes, 65 anos. Entrevista gravada em Limoeiro do Norte no dia 03 de junho de 2018.

HISTÓRIA E CULTURAS

O caso cearense a que me refiro é o de Zenaide Silveira Cunha²². Ela conta que quando tinha 6 anos, em 1939, um lobisomem apareceu no quintal de sua casa. Era noite, ela e sua mãe estavam dormindo, quando acordaram derrepente com medo por causa dos barulhos estranhos no lado de fora da casa. Sua mãe levantou e viu, pela brecha por debaixo da porta da cozinha, o que seria um lobisomem. O bicho estava se esponjando na cama dos porcos. Fazia seus rebuliços, “eles faz em qualquer canto, em cama de porco é cama de qual quer outro bicho né? Sendo bicho, sendo cama de bicho eles fazia a dele né? Pra eles esperniare né? Aí a mamãe viu só um negoço bolindo com os porcos”.

Aqui diferente do caso anterior de Pierre Buorgot e Michel Verdung, para virar lobisomem é preciso apenas a cama de algum animal, como bem vimos nas explicações de Mark Harris. Executar intrépidos movimentos, os tais rebuliços, é uma prática de iniciação, de começo, isso nos faz lembrar o lobisomem mencionado por Acelino que também executava movimentos frenéticos.

Somente o ato de fazer movimentos, os tais rebuliços, é que faz com que se assemelhem os casos do lobisomem que acordou Zenaide, o relatado por Acelino e o lobisomem português. No mais vemos como a licantropia pode se diferenciar dentro das espacialidades de cada uma dessas histórias. Podemos, nesses casos, apenas estabelecer um elemento comum entre um imaginário com outro: os rebuliços.

Quando entrecruzamos esses cinco casos (Acelino, Garnier, Zenaide, Bourgot e Verdung) vemos que os dois casos cearenses estão envolta de um comportamento de frenesi para a execução da transformação, já os três casos franceses não se dão dessa maneira. Garnier já aparece no relato tendo uma aparência estranha e temível, sendo que são suas ações de atacar crianças que fazem ele ser visto como um lobisomem, já Pierre e Michel realizam uma espécie de ritual de iniciação para se transformarem na fera lupina.

Podemos destacar que o elo comum entre tradição portuguesa e cearense e a diferenciação com os casos franceses revelam a profunda interferência da colonização portuguesa na produção imaginária do lobisomem. Essa interferência não significa uma imposição, é mais um contato onde a cultura cearense adapta esse imaginário para o seu modo de vida e de entender o mundo, dessa forma o imaginário do lobisomem foi cearensificado. Essa interpretação não está tão distante da que o historiador Robert Darnton faz da produção dos contos franceses da mamãe ganso.²³

Assim como os contos franceses, que Darnton trabalha, as histórias de lobisomem contadas por nossos personagens nos dizem como eles imaginavam o mundo a sua volta, que tipo de

²² Zenaide Silveira Cunha, 85 anos. Entrevista gravada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 01/04/2018.

²³ DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 35.

HISTÓRIA E CULTURAS

dificuldades encontravam. Essas histórias sobre licantropia “comunicavam características, valores, atitudes e uma maneira de interpretar o universo [cotidiano]”²⁴ que era peculiarmente cearense.

As variações entre os casos são muito acentuadas como pudemos perceber. Mas não param por aí. Há outros dois casos ocorridos em Limoeiro do Norte: o primeiro usando o termo cabeludo para caracterizar o lobisomem, já o segundo menciona o uso da pele de um animal para se transformar.

Quem nos conta a primeira história é Odorico Nogueira Nunes²⁵ que em 1953, quando voltava para casa à noite em sua bicicleta, se deparou com um lobisomem à beira da estrada. Ao passar pela ponte que ficava entre o Riacho Seco e o Rio Jaguaribe ele avistou algo estranho que o fez parar para investigar. Ele viu “um bicho assim bem cumprido bem abaixo do chão e bem cabeludo”. Parou a bicicleta que tinha uma lanterna que acendia conforme ele pedalava, com isso, falou Odorico, “eu parei a bicicleta botei o macaco, aí fui pelejar pra rodar a roda com a mão pra vê se alumiava, aí quando eu pegava na roda ele partia assim pra me pegar de costas aí eu me levantava”. Depois de algumas tentativas, astuciosamente esperou de forma atenta, quando o bicho veio para cima ele tentou esfaqueá-lo, “mas num pegou não, se pegou... só sei que ele correu, foi simhora. Num tive medo não, eu fui e reconheci que era uma pessoa”, disse ele.

Esse caso é interessante porque deixa em aberto se a facada pegou ou não. Esfaquear, furar ou fazer qualquer ataque que espirre sangue de alguém em forma lupina faz o dito cujo voltar a forma humana, conforme menciona Cascudo²⁶. Outras formas de fazer um lobisomem voltar a forma humana ou fugir também são encontradas mundo a fora. Gilberto Freyre²⁷ nos diz que uma mulher chamada Josefina que ao ser atacada por um lobisomem no Recife só se viu livre da fera quando começou a rezar por Nossa Senhora da Saúde. Jean Delumeau²⁸ também fala de um caso de lobisomem em Gévaudan, no começo dos anos de 1760, onde foram usadas armas com as balas embebidas em água benta numa tentativa de neutralizar a fera que aterrorizava a região.

Nessa busca de combater a fera, o caso de Zenaide que mencionei antes também se encontra incluso. A história dela termina com sua mãe indo à cozinha e pegando a espingarda do seu falecido marido e atirando no lobisomem por uma brecha que havia na porta. O tiro fez com que o lobisomem fugisse. Ela assim diz: “Agora se desse um tiro de espingarda nele, fosse o que fosse, e ele não morresse nunca mais no mundo ele era lobisomem. Deixava a vida de lobisomem”.

²⁴ Op. Cit. p. 91.

²⁵ Odorico Nogueira Nunes, 90 anos, entrevista do dia 10 de junho de 2018.

²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 518.

²⁷ FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 54-56.

²⁸ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009. p. 105.

HISTÓRIA E CULTURAS

De modo diferente, mas tendo como ato comum a volta a forma humana, é o caso de Pierre Bourgot que fala em vestir as roupas, já o de Odorico é uma tentativa de acertar uma facada. Mesmo sendo maneiras diferentes vemos que a intenção envolta do tiro, das roupas e do ataque com faca são os mesmos: fazer o lobisomem retomar a forma humana.

As práticas de transformação tanto para virar fera lupina como para voltar a aparência humana definem bem como o imaginário do lobisomem se diferencia com cada tipo de história contada. Esse caso de Pierre não se diferencia tanto da tradição portuguesa onde também há o ato de despír a roupa, e essa tradição do lobisomem português não se distancia da história que Zenaide contou, já que ambos mostram que para realizar a metamorfose em lobisomem é preciso usar a cama de algum animal.

A diferença consiste em que o lobisomem português se parece com o último animal que rolou naquela cama. Sendo que no relato de Zenaide, seja qual cama de animal for, a pessoa vira um lobisomem não necessariamente com a aparência do último animal que esteve ali. É interessante que essa tradição da licanthropia portuguesa tem precedentes fora da Europa. “Na África, na Ásia, no continente americano, foram localizadas crenças análogas, referidas a metamorfoses temporárias de seres humanos em leopardos, hienas, tigres, jaguares”²⁹.

Dessa forma, não sabemos que feição tinha o lobisomem que a mãe de Zenaide viu, podemos apenas imaginar que poderia ser semelhante a tradição portuguesa, nesse caso teria forma porcina ou se tinha forma lupina. Se fosse essa segunda opção seria mais uma variação no modo de transformação, mostrando que a constante geral de uma tradição, no caso a portuguesa, se mostra diferente quando olhamos para um caso detalhado.

O segundo caso, o qual também aparece a expressão cabeludo, envolve o uso da pele de animal, tendo ocorrido em 1962, na comunidade de Danças, em Limoeiro do Norte. Francisca Andrade Maia³⁰, na época com uns 15 anos falou que do outro lado do rio Jaguaribe tinha uma Oiticica grande onde aparecia um lobisomem. “Quem passava de 8h da noite pra frente voltava na carreira porque o bicho partia mesmo”. Certo dia um homem baixo de cabelo aloirado e cacheado resolveu enfrentar a fera que assustava a comunidade.

Empunhado com um facão, chegou próximo do local que diziam que o lobisomem atacava e fazia as pessoas da comunidade correrem. Quando a fera se levantou o homem disse: “pode vim. Ai preparou o facão, quando ia bater” o lobisomem respondeu: “pelo amor de deus por favor não me

²⁹ GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 108.

³⁰ Francisca de Andrade Maia, 71 anos, entrevista gravada no dia 28/03/2018.

HISTÓRIA E CULTURAS

mate”. Segundo Francisca o homem se vestia de lobisomem pra fazer medo ao povo. Ele usava “uma vestimenta diferente, cabeluda. Acredito que fosse coisa de criação, ovelha, essas coisa”.

Nessas duas histórias de Francisca e Odorico vemos o uso do termo cabeludo/cabeluda para se referir a uma pessoa que se transformar ou é reconhecida como lobisomem. No primeiro caso, para fazer a fera voltar a forma humana, Odorico, tenta esfaqueá-lo, porém o mesmo foge. Nesse momento Odorico reconheceu que se tratava de um homem e não um lobisomem.

Se o ato de esfaquear e tirar sangue do lobisomem faz ele voltar a forma humana, como afirma a tradição folclórica afirmada por Cascudo³¹, o caso de Odorico se mostra diferente, pois só a tentativa de atacar já fez o bicho recuar mostrando sua face humana. O caso contado por Francisca, diferentemente, menciona apenas uma alusão ao ataque com o facão contra o homem que usava pele de cordeiro para se transformar em lobisomem. Se compararmos esses casos com o contado por Zenaide veremos que o tiro que sua mãe realizou também não acertou o lobisomem e ela diz que ele nunca voltaria mais a virar lobisomem mesmo o tiro não ferindo-o.

Essas semelhanças de ataques que não feriram e não fizeram o dito lobisomem espirrar sangue divergem da definição de Cascudo. E isso é interessante, pois nos faz perceber como o lobisomem cearense está mais envolta de um medo que ele pode provocar, assim como na capacidade do próprio licantropista em sentir medo. Quando a fera está prestes a ser atacada e o medo volta-se contra ela, sua transformação em humano acontece muito rápido. Tudo isso para evitar ser ferida.

Um outro elemento que é destaque nessa história contada por Francisca é o horário de ataque escolhido pelo lobisomem. Seu espaço de aparição é em uma estrada perto de uma Oiticica e de um rio. No Brasil a fora também existem práticas e cenários que se aproximam com os de Limoeiro do Norte. É o caso, por exemplo, de uma história de lobisomem que ocorreu na ilha de Cotijuba no Pará, cuja as características são semelhantes, pois há a existência de uma horário-limite em uma estrada onde a fera inibe as pessoas de transitarem, uma árvore de piquiá (típica da região) e a mata densa.

Na nossa história o rio substitui a mata densa. Talvez por Cotijuba ser uma ilha as histórias não são representadas tendo o rio como elemento do ambiente de aparição da fera. Já em nossa história, o município de Limoeiro do Norte é circundado por dois rios e outros riachos. Sendo esse elemento preponderante no cenário das relatos. O lobisomem em Cotijuba, também conhecido

³¹ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 518.

HISTÓRIA E CULTURAS

como *furo*, tem aparência cabeluda, uma unha grande e ainda berrava alto se alguém ousasse passar pela estrada onde ele ficava depois das seis horas³².

Novamente vemos a expressão cabeluda caracterizar o lobisomem. Uma maneira de pensar essa característica é que ficar cabeludo é um modo de esconder sua face caso fosse visto por alguém. Nós vimos que há lobisomens que não chegam a adquirir a forma de lobo, mas em termos de comportamento são chamados de lobisomem. Não fica claro se o lobisomem da ilha de Cotijuba queria esconder sua feição, também não é dito, assim como o lobisomem cearense, se tem forma lupina. Por outro lado, os lobisomens cearenses parecem utilizar o fator ser cabeludo para esconderem quem são. Não é à toa que as ameaças de sofrerem algum ferimento os fazem voltar a forma humana.

Agora vamos ver um caso francês que envolve a vestimenta de pele de animal. Como ele se assemelha e se diferencia do caso que apresentamos até aqui?

No departamento de Landes, no sul da França, em 1603, três garotas foram abordadas por “um garoto de uns treze anos sentado em um tronco de pinheiro”³³. O menino se chamava Jean Grenier e tinha uma aparência que pareceu a elas estranha, pois “seu cabelo era vermelho e grosso, cobrindo-lhe os ombros e as sobrancelhas estreitas. Seus pequenos olhos acinzentados eram profundos e brilhavam com uma expressão de fúria e astúcia”³⁴.

Depois das meninas indagarem sobre seu aspecto sujo ele disse que era porque usava uma pele de lobo que lhe foi dada por Pierre Labourant, um padre que o garoto dizia que era seu pai, o que não era verdade. Com a continuidade da conversa sobre a capa de lobo, Jean Grenier diz, finalmente, que a usa “todas as segundas-feiras, sextas-feiras e domingos, e aproximadamente durante uma hora no crepúsculo em outros dias, sou um lobo, um lobisomem”³⁵.

Após esse encontro, Jean Grenier, nos dias seguintes, atacou crianças e tentou mata-las e comê-las. Porém o garoto foi capturado e levado a julgamento perante uma corte onde falou sobre seus ataques a animais e a outras crianças, sendo que no seu depoimento ele diz ter devorado muitas delas. Além de mencionar a pele de lobo falou que usava um unguento para realizar a transformação. A sentença de Grenier perante a corte foi de prisão perpétua para ser cumprida em

³² VASCONCELOS, Carla Melo de. **Narrativas, Paisagens e Trilhas**: poéticas do imaginário e memórias compartilhadas pelos antigos da ilha de Cotijuba- Belém (PA). 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. p. 16.

³³ BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem**: um tratado sobre casos de licantropia. Tradução de Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003. p. 64.

³⁴ Op. Cit. p. 64.

³⁵ Op. Cit. p. 65.

HISTÓRIA E CULTURAS

Bordeaux. A intenção era que ele fosse instruído “em suas obrigações morais e cristãs, e qualquer tentativa de escapar seria punida com a morte”³⁶.

Dentre duas histórias que se passaram em Limoeiro do Norte, a qual analisamos antes, que falam de homens cabeludos a de Odorico apenas menciona que viu uma pessoa cabeluda, não sabemos ao certo se era o homem que era muito peludo ou se usava alguma vestimenta que o deixava com esse aspecto. Já Francisca afirma claramente se tratar de uma vestimenta cabeluda que o licantropista de sua história usa para se transformar em lobisomem. A história de Jean Grenier é um misto dos elementos que encontramos nas duas anteriores. O menino além de ter o cabelo grande usa uma pele de lobo.

Um diferencial importante é que para Grenier executar sua licantropia precisa de mais ações: pele de lobo, unguento e horários do dia, uma mistura de práticas, assim como o caso de Pierre Bourgot. Porém no caso de Grenier não há a menção ao ato de retomar a forma humana. Ele não é ameaçado com faca, cortado ou furado, o que dá a entender é que sua volta a forma humana pode estar relacionada aos horários dos dias, e não apenas no uso da veste ou no fim do efeito do unguento.

Além da transformação vemos outro detalhe vir à tona quando cruzamos as histórias de Odorico, Francisca e Grenier: o motivo do ataque e suas consequências.

O lobisomem da história de Odorico quer atacá-lo, porém não sabemos para que. Se é para matar, devorar ou apenas impor medo. No relato de Francisca vemos que o principal intuito do lobisomem é causar medo em uma parte do espaço de convivência da comunidade, semelhante ao lobisomem da ilha de Cotijuba no Pará. Nesses casos, a estrada parece ser um local para a circulação das pessoas e o lobisomem durante um horário-limite queria impor um certo medo e fazer as pessoas fugirem daquele local. Novamente não fica claro se queria matar ou devorar alguém. Somente no caso de Jean Grenier vemos um intuito claro de matar e o ato de canibalismo, em alguns momentos.

O caso francês se destaca tanto pela agressividade e brutalidade do relato como pelo tipo de pele utilizada. A pele de lobo para virar lobisomem parece óbvia, mas na história de Francisca é usada pele de ovelha. Isso demonstra uma diferenciação importante. Seria o tipo de pele um fator que faz a pessoa ficar mais agressiva? É difícil afirmar, até porque o unguento poderia ser um item que ao ser usado poderia deixar Grenier mais agressivo ou fora de si.

³⁶ BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem**: um tratado sobre casos de licantropia. Tradução de Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003. p. 69.

HISTÓRIA E CULTURAS

Um caso interessante que mistura aspectos desses três casos é o de José Amaro, personagem do livro *Fogo Morto* de José Lins do Rego. Os relatos sobre ele recaem na segunda acepção que envolve o implícito como fator que denuncia uma pessoa como sendo lobisomem. Até porque diziam que tarde da noite pelas estradas perto da beira do rio ele virava lobisomem, tinha as unhas afiadas e olhos de fogo e sua intenção era devorar as pessoas. Se não encontrasse gente viva pelo seu caminho matava animais e chupava seu sangue³⁷.

Vemos que José Amaro virado lobisomem mistura características e práticas que já analisamos antes. O rio, à noite, a estrada são elementos que circundam o lobisomem da história de Francisca, e o lobisomem mencionado por Odorico também foi encontrado em uma encosta da estrada no meio da noite próximo a rios. Mas o que é muito interessante é como as ações e intenções de José Amaro divergem dessas duas, pois como vimos ambas não envolvem tanto o intuito de devorar, e sim mais o de causar medo a quem passa onde a lobisomem está. Jean Grenier como lobisomem executa ações e interações muito mais comuns com as de José Amaro, pois além de querer devorar as pessoas, quando isso não ocorre recorre a matança de animais e a beber o sangue desses.

Quando cruzamos as práticas de transformação entre os lobisomens percebemos que apenas Grenier e o lobisomem da história de Francisca usam uma vestimenta para transformarem-se. Em Odorico o homem visto por ele já está virado lobisomem, ele o encontra na estrada e não sabemos ao certo como ele se transformou. Sobre José Amaro só é dito que ele vira bicho na estrada a noite perto da beira do rio. Parece que as feras nas histórias de Odorico e José Lins se tornam lobisomens quando adentram um ambiente, um espaço, que parece propício para a transformação.

Em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, na Ilha Pintada, há histórias de lobisomens, uma delas é contada por um morador local, Seu Adão. Em um de seus relatos ele diz que a fera não aparece com a intensão de devorar ou matar pessoas, como bem vimos nos relatos de Odorico e Francisca. Na Ilha Pintada “o lobisomem começa a ser identificado quando começa a sair muito de casa no período noturno. Homem desviante, que deixa a família para habitar os mistérios da madrugada e da lua. Como já foi dito, ele não mata, apenas assusta”³⁸.

Notamos que mesmo em uma espacialidade também distante da do sertão cearense e das comunidades francesas o lobisomem aparece realizando ações que convergem com as nossas

³⁷ SANTIAGO, S. “A Ameaça do Lobisomem”. In: **Revista brasileira de literatura comparada**. No. 4. Rio de Janeiro, Abralic, 1998. p. 40.

³⁸ RIBEIRO, Angelita Soares. **Bruxas, lobisomens, anjos e assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos - Colônia Z3, Pelotas**: etnografia, mitologia, gênero e políticas públicas. 2012. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. p. 91.

HISTÓRIA E CULTURAS

análises. Aqui o lobisomem é homem que vaga pela noite. Seu gosto pelo noturno faz dele uma pessoa com caráter desviante. Aqui é o hábito de sair à noite que causa isso. No relato de Acelino também é o comportamento que o designa como sendo um lobisomem, são os movimentos frenéticos e descontrolados que fazem com que a pessoa seja vista como lobisomem. Na ilha Pintada é apenas o costume de sair à noite que faz dele uma fera lupina.

Quando entrecruzamos essas variedades de casos vemos que a licantropia como ato de transformar-se em lobisomem não é algo simplesmente relacionado a uma maldição carregada pela pessoa, como foi na antiguidade. Se nesse período foi assim, pudemos perceber que isso foi se modificando. Virar lobisomem é uma execução de práticas que fazem a pessoa crer ter se transformado na fera ou são outras pessoas que atribuem a uma outra, por causa dos seus comportamentos ou pelos lugares e horários que ela frequenta. Ser lobisomem, nessa ótica, é também uma designação do outro.

Outra característica marcante, como vimos, é a brutalidade e agressividade encontrados em vários relatos. Se nas histórias cearenses não há ataques que terminam em morte e com as pessoas sendo devoradas, nos casos espalhados pelas comunidades francesas o assassinato e o canibalismo se mostram presentes. Ao interseccionarmos os elementos comuns e divergentes entre as histórias notamos como o lobisomem francês é muito mais violento do que o cearense, o da Ilha Pintada em Porto Alegre e o da ilha de Cotijuba no Pará.

Agora um último caso francês que envolve toda uma família que se transformavam em lobisomens. Esse relato foi colhido por Baring-Gould na obra *Discours de Sorciers (1603-1610)* de Henry Boguet, um Gran-juiz da comuna de Sant-Cloud no departamento de Jura, situada no departamento de Franche-Comté. Um dos casos analisados por Boguet foi o da família Gandillon.³⁹ Trouxe esse caso, porque ele parece ser bem complexo e se diferencia muito dos outros casos franceses e também dos que tratamos sobre os cearenses.

Em 1598, Pernette Gandillon diz que “percorreu o país inteiro de quatro, acreditando ser uma loba”⁴⁰. Certo dia fazendo suas andanças pelo país encontrou duas crianças e tomada por um incrível desejo de sangue tentou matar uma delas, a garotinha, porém foi impedida pelo “irmão, um menino de quatro anos, que a defendera com uma faca”⁴¹. Sem se sentir intimidada pelo menino derrubou a arma de sua mão e mordeu-o na garganta, matando-o.

³⁹ BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem**: um tratado sobre casos de licantropia. Tradução de Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003. p. 57

⁴⁰ BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem**: um tratado sobre casos de licantropia. Tradução de Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003. p. 58.

⁴¹ Op. Cit. p. 58.

HISTÓRIA E CULTURAS

Dias depois Pierre Gandillon, irmão de Pernette, foi acusado por práticas ligadas a feitiçaria. “A acusação baseava-se no fato de que ele teria levado crianças para um sabá, ter prestado saudação e percorrido o país na forma de lobo. A transformação se efetivara através de um unguento que recebera do diabo”⁴². Em sua transformação lupina tinha os pelos grisalhos e quando levado a depor sobre os seus crimes ele disse que “durante os períodos de transformação atacava e devorava animais e seres humanos. Quando desejava retomar a sua forma verdadeira, rolava na grama orvalhada”⁴³.

O filho de Peirre, Georges Gadillon, foi outro que disse que também ungido com o mesmo unguento participou de uma das reuniões do sabá em forma de lobo e nessa forma atacou dois bodes. Diferente de seu pai e sua tia o relato de Georges é mais preciso sobre como se deu sua transformação em lobisomem: “na noite de Quinta-Feira Santa, depois de três horas prostrado em sua cama, levantou-se rapidamente. Durante esse período, estivera na forma de um lobo para o sabá das bruxas”⁴⁴. A irmã de Goerges, Antoinnette Gadillon, também falou que por diversas ocasiões adorou o diabo que apareceu a ela em forma de bode negro e também foi a vários encontros dos sabás.

Esses casos de licantrópia estão envolta de idas ao sabá e ao uso de unguentos que têm como efeito desacordar e fazer a pessoa ir as reuniões. Os outros casos franceses, que analisamos antes: Bourgot e Grenier também mencionam o uso de unguentos, mas com efeito transformador imediato após o processo ritualístico. De forma diferente, esse unguento usado pela família Gandillon é especificamente usado para executar suas idas a reuniões do sabá.

Pelo relato de Georges percebemos que ele se torna lobisomem quando está inerte e deitado. Sua forma de transformação está ligada mais a um entorpecimento do corpo. Seria semelhante ao caso tratado por Ginzburg sobre o lobisomem Thiess, um velho de oitenta anos morador de Jürgensburg, na Livônia, que em 1692 como lobisomem ia combater o diabo. Ele

confessou aos juízes que o interrogavam ser um lobisomem. Três vezes por ano, disse, nas noites de santa Lúcia antes do Natal, de são João e de Pentecostes, os lobisomens da Livônia vão até o inferno, “no fim do mar” (mais tarde, corrigiu-se: “debaixo da terra”), para lutar com o diabo e os feitiçeiros. (...) os lobisomens perseguem, armados de açoites de ferro, os demônios e os bruxos, que, por sua vez, estão armados de cabos de vassoura envoltos em rabos de cavalo. Anos antes, explicou Thiess, um feitiçeiro (um camponês chamado Skeistan, agora morto) arrebentara-lhe o nariz. A finalidade das batalhas era a fertilidade dos campos: os bruxos roubam os brotos de trigo, e, caso não se consiga arrancá-los deles, vem a carestia.⁴⁵

⁴² Op. Cit. p. 58.

⁴³ Op. Cit. p. 58.

⁴⁴ Op. Cit. p. 58.

⁴⁵ GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 107.

HISTÓRIA E CULTURAS

Apesar de não mencionar o uso de unguentos, para Ginzburg, Thiess teve uma experiência de êxtase no qual sua alma se desprende do corpo. A luta do velho lobisomem da Livônia é feita em espírito, de igual modo ocorreu com Georges Gandillon enquanto estava na condição de prostrado sob efeito do unguento.

O contraste entre esses dois casos está na intenção de cada lobisomem. Thiess quer proteger suas colheitas contra as forças demoníacas. Já Georges parece participar das reuniões do sabá em aliança ao demônio, de igual forma sua irmã Antoinette. O que denuncia Georges é o seu ataque a dois bodes. Se associarmos esse ataque aos que seu pai fazia podemos dizer que ele também devorava os animais. O velho Thiess queria fartura e assim defendia as colheitas, já Georges queria a destruição matando os animais da região.

Outro diferencial entre os casos da família Gandillon é que Pernette parece realizar seu ataque sem o uso de unguento algum, já Pierre usa, mas sua reação parece diferir das de seu filho. Ele não fala que ficou prostrado na cama e nesse tempo estava em forma de lobo. Pierre, assim como sua irmã, realizaram seus ataques contra pessoas ou animais com o intuito de devora-los e sem estar em forma de espírito.

Um detalhe notável e que aparece apenas na transformação de Pierre Gandillon é a sua volta a forma humana. Isso é o contrário da tradição do lobisomem português e do lobisomem da história de Zenaide, Pierre faz seus rebuliços e movimentos para retomar a forma de pessoa e não para se transformar em lobisomem. Essa prática de retomar a forma humana rolando na grama orvalhada é o único elo que liga esse famigerado caso francês com um caso cearense que envolve a licantropia, pois novamente vemos os tais rebuliços em algum lugar específico como forma de transformação, porém com Pierre ocorre o inverso, ele retoma a forma de pessoa comum.

3. CONCLUSÃO

Dessa forma vemos como uma quantidade de cruzamentos entre as fontes pode nos mostrar uma série de variações e convergências entre as histórias que envolvem casos de licantropia. Se na França a brutalidade, o canibalismo e o aspecto assassínio são preponderantes em termos de motivação para os ataques, os casos cearenses estão envolta de provocar medo e temor as pessoas.

Quando pensamos nos ataques dos lobisomens cearenses que não conseguiram se concretizar conjecturamos o que poderia acontecer se o lobisomem adentrasse a casa de Zenaide ou se Odorico não estivesse armado e fosse pego pelo lobisomem. Seriam devorados? Vimos que

HISTÓRIA E CULTURAS

sempre que foi possível o lobisomem cearense foi repellido e ele não necessariamente procura carne humana para devorar, busca muito mais uma pessoa ou um espaço para impor seu medo. Se contrastarmos com a tradição portuguesa vemos que ambas convergem: a intensão não é matar pessoas ou animais.

Vimos que a licantropia sofreu muitas alterações desde a antiguidade quando era vista como maldição. Se nessa época era relacionada a alguma intervenção divina, nos sécs. XVI, início do XVII e no séc. XX no Ceará é mais um conjunto de práticas que faz uma pessoa tornar-se lobisomem ou ainda, em alguns casos, pode ser uma visualização que algumas pessoas tem e que assim fazem a pessoa ser através da percepção delas um lobisomem, isso estando envolta, é claro, de certos comportamentos incomuns. No mais o que esse conjunto de casos sobre ataques de lobisomem também pode nos dizer é como as pessoas entendiam o mundo a sua volta, como o imaginavam.

Ataques a pessoas no meio da noite em crianças nas florestas ou a pessoas desprevenidas, pegas de surpresa por um tipo de fera que não esperavam. Tudo isso nos indica um meio social onde a violência era muito comum. Se na França esses casos chegavam a ser julgados os ocorridos em Limoeiro do Norte nem se quer são mencionados se viraram relatório de polícia. Isso revela que os casos franceses eram levados muito a sério, até porque havia muita morte envolvida, principalmente de crianças. E para além do canibalismo havia aspectos que ligavam a práticas demoníacas e de bruxaria, como as idas ao sabá, muito contestadas pela inquisição, como demonstra Ginzburg⁴⁶.

Os casos cearenses por outro lado se destacam pelo caráter micro. Cada relato traz uma variação nova para um estudo historiográfico sobre a licantropia. Ainda mais para o Ceará onde não há uma quantidade tão grande de estudos a respeito. Desse modo, demos uma pequena contribuição para o entendimento e variabilidade que podemos ter das histórias de lobisomens mundo a fora. Pudemos perceber como o imaginário e as maneiras de representar o lobisomem são tão diversas e estão espalhadas tanto pelo mundo como pelo Brasil. E, por fim, esse estudo simboliza uma gota de micro-história e história cruzada no mar do imaginário que envolve o lobisomem e a licantropia.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem**: um tratado sobre casos de licantropia. Tradução de Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003.

⁴⁶ GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HISTÓRIA E CULTURAS

- BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2012.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Usp: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- GINZBURG, Carlo. **História Noturna: decifrando o sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. Editora Companhia das Letras, 1988.
- HARRIS, Mark. O lobisomem entre índios e brancos: o trabalho da imaginação no Grão-Pará no final do século XVIII. **Revista Ieb**, São Paulo, v. 1, n. 47, p.29-55, set. 2008.
- LEVI, Giovanna. Micro-história e história global. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (org.). **Micro-história: um método em transformação**. São Paulo, Sp: Letra e Voz, 2020. p. 19-34.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves In: Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 15-25.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma Outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, n. 15, p. 9-27, 1995.
- RIBEIRO, Angelita Soares. **Bruxas, lobisomens, anjos e assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos - Colônia Z3, Pelotas**: etnografia, mitologia, gênero e políticas públicas. 2012. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.
- SANTIAGO, S.: "A Ameaça do Lobisomen". In: **Revista brasileira de literatura comparada**. No. 4. Rio de Janeiro, Abralic, 1998.
- VASCONCELOS, Carla Melo de. **Narrativas, Paisagens e Trilhas: poéticas do imaginário e memórias compartilhadas pelos antigos da ilha de cotijuba- belém (pa)**. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

HISTÓRIA E CULTURAS

WERNER, Michael e ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre a empiria e a re-flexividade. In: **Textos de História**, vol. 11, nº 1/ 2, 2003. p. 89-127.